



Prepara tua rede, que o TePI Plataforma Digital chegou!

Por Naine Terena

Quando fui convidada a colaborar com as Paisagens Críticas do “TePI – Teatro e os povos indígenas”, imediatamente me coloquei a querer vasculhar a ideia de teatro indígena ou teatro feito por pessoas/povos indígenas, mas percebi, durante as primeiras programações oferecidas pela plataforma, que deveria começar do começo. Isso porque a criação do TePI Plataforma Digital objetiva reunir num único lugar o fazer cênico dos povos indígenas, sem querer lhe dar o tom de cânone artístico ou enquadrá-lo em alguma das escolas cênicas que conhecemos quando estamos nos cursos de Artes Cênicas.

A programação, em especial da Mostra Artística, mantém sua dinâmica com Espetáculos e Performances pautados em ritmos e conhecimentos dos grupos que os apresentaram. *Trewa* (Chile), *Ino Moxo* (Peru) e *Lithipokoroda* (Brasil) trazem narrativas específicas de suas localidades, que, por sorte, são compartilhadas a partir do que podemos chamar de “vida social online”, caracterizada por ser essa experiência em que estamos conectados pelo universo virtual.

No entanto, a questão que quero reportar não diz respeito exatamente às temáticas das produções, mas ao que tem por trás da movimentação do TePI no ambiente virtual. Constituir uma plataforma para reunir tantas experiências parece ser uma jogada bem certa e interessante, pois, de cara, nos conectamos com as falas profundas de seus organizadores e convidados, mas também com as atividades da Mostra Artística, com profissionais que estão a quilômetros de distância de nós e, sobretudo, ocupando mais um espaço de reflexão e fruição.

Porém, não devemos esperar que a máquina faça a tarefa de nos conectar a esse universo que o TePI deseja nos oferecer. Ela não nos dá respostas sem que as estejamos procurando. Embora eu não seja uma expert nos assuntos “informáticos”, presumo que um bom empurrão ajude (ou ajudaria) a desbravar essa terra, dita democrática, que é a rede mundial de computadores. Quero dizer que é preciso ter iniciativa de exploração, de compartilhamento, de fluxo de informação e de “boca a boca virtual” no WhatsApp, ao menos inicialmente, para utilizarmos todo esse universo a nosso favor e, assim, chegarmos a lugares não alcançados de modo presencial – e para chegarmos, principalmente, naquelas pessoas que não estão tão conectadas às pautas indígenas.

Por mais que pareça um lugar democrático e acessível a todos, o universo virtual ainda mantém uma representação desigual, no que diz respeito à ocupação de espaços e ofertas de conteúdos que tragam visibilidade aos fazeres – ritmos de corpos que pulsam nos lugares mais distantes de um possível espectador. Isso porque sabemos das imensas dificuldades de se manter conectado a ponto de produzir conteúdo massivo, sem falar da falta de conhecimento crítico acerca desse ambiente e, mais tecnicamente falando, acerca dos códigos e algoritmos que poderíamos operar a favor de iniciativas como essa.

A Plataforma aqui citada é uma demonstração da potencialidade da inserção dos corpos indígenas no universo virtual, a fim de promover o espaço de debate e as articulações entre todas as representações mediadas por este evento.

Dito tudo isso, chego ao ponto final: vamos nos lambuzar da possibilidade de fomentar uma rede de produção indígena que ultrapasse limites geográficos. Primeiramente, façamos a primeira visita, a primeira busca, o primeiro compartilhamento de toda essa história que o TePI está construindo. Consumir arte indígena é, sobretudo, manter uma postura política de resistência. Deixe que os algoritmos encham suas telas de vida indígena. Deixe entrar plataformas, notícias, agentes, vidas indígenas no seu universo. Amarra a sua rede e sente o ritmo desse novo momento, que o TePI Plataforma Digital chegou!